

O SABER ABSOLUTO E O DECLÍNIO DO VIRIL

A propósito de "Buenos dias, sabiduría"¹, de Jacques-Alain Miller

MÔNICA CAMPOS SILVA

Resumo: Nesta resenha, "O saber absoluto e o declínio do viril", trabalhamos com o texto "Buenos dias, sabiduría" de Jacques-Alain Miller, no qual o autor discute a tese de Kojévê sobre o mundo do saber absoluto – como correlato do declínio do viril – e suas consequências na relação sexual. Para tanto, retoma o *Seminário IV: a relação de objeto*, em que Lacan faz, a partir do pequeno Hans, uma análise da geração de 1945, considerando a passividade que se estabelece naqueles jovens. O autor ainda interroga e demonstra a desapareição do viril ao longo do tempo.

Palavras-chave: modernidade, diferença sexual, virilidade.

Em 27 de junho de 1994, Miller apresenta, em seu seminário *Lacan e o saber do século*, uma aula sob o título "Kojève, a sabedoria do século". A ideia de Miller era combinar o anseio de falar de Kojève e de seu artigo "O último mundo novo", articulando-o ao Seminário IV de Lacan, "A relação de objeto".

Nessa lição, Miller parte de um problema apreendido por Kojève, ou seja, o mundo novo é, com e pós Napoleão, um mundo do saber absoluto, chamado por ele de "verdadeiro mundo novo". Kojève vê, nas novelas de Françoise Sagan², entre elas *Bom dia, tristeza*, o que são as consequências do saber absoluto na relação sexual.

Assim, Miller inicia sua articulação apontando que, em "O último novo mundo", Kojève inscreve três nomes do pai, estando, na origem desses, Napoleão na batalha de Jena³. O primeiro nome seria Hegel, o filósofo. O segundo seria Sade, que, segundo Kojève, tem esse lugar pois é a partir de sua libertação que se compreendeu que, no novo mundo livre, tudo deveria acontecer no privado. Sade é, então, o herói do privado, um dos faróis deste novo mundo. Sob o terceiro, Miller deixa, naquele momento, em aberto.

O leitor acompanhará, nessa lição, o percurso de Miller quando retoma essa discussão para destacar o contraponto que Lacan estabelece, no Seminário 4⁴, ao final de sua análise sobre o pequeno Hans, entre legalidade e legitimidade, esclarecendo que Hans está na legalidade por se interessar pelas meninas, mas que

isso acontece de uma forma passiva, não tendo nada de viril em sua posição. Segundo Miller, Lacan faz do pequeno Hans um paradigma da relação sexual da geração de 1945. Segundo Lacan, esses jovens esperam que a iniciativa venha do outro lado, que venha das damas, colocando como exceção Dom Juan, como o que não deixava para o outro sexo tomar a iniciativa. Entretanto, para Lacan, esse personagem, ao buscar o falo feminino – e sem encontrá-lo –, se depara, ao final, com o pai.

Miller nos mostra como as novelas de Françoise Sagan situam para Kojève a figura contemporânea das relações sexuais, ou seja, a época do saber absoluto como correlata do declínio do viril ou, como ele diz, “encontramo-nos em um mundo sem homens”, restando apenas um “certo sorriso”.

Em “Bonjour, sagesse”, a tese de Miller em que o declínio e o desaparecimento do viril não são possíveis de serem pensados sem o declínio do pai é problematizada com a pergunta sobre o que é a desapareição do viril. Para o autor, é o que fica da fórmula da sexuação masculina ao anularmos a parte esquerda da fórmula, restando simplesmente o “todos juntos”, fórmula da igualdade, o todo da democracia. Como consequência, o dano causado à função paterna e, portanto, o declínio do pai, explica o sentimento de desapareição do viril. Miller lembra Lacan em 1938, em *Os complexos familiares*, quando este sinaliza o declínio da imago paterna como provocador de uma crise psicológica que faz surgir a psicanálise.

Diante das questões levantadas, Miller nos anuncia o terceiro nome do pai pós-Napoleão. Seria Brumell⁵, que se junta a Hegel e Sade no nascimento do novo mundo. O que dá esse lugar a Brumell? Para Miller, o que se admira em Brumell é a aventura de um homem só, capaz de produzir um império com sua opinião, fazendo-se único. Como figura excepcional, Brumell teria sido a inspiração para a construção do personagem de Dom Juan, sendo comparado a Napoleão principalmente no fascínio que provocava, pelas maneiras e elegância e pelo domínio da compostura.

Miller propõe verificar a relação entre Brumell e o aparecimento do dandismo. Segundo ele, antes havia o belo e, com Brumell, surge o dandismo, apontando que a diferença entre eles é que, no belo há a intenção de agradar; no dandismo, a finalidade reside mais em assombrar, surpreender, do que em agradar, ou seja, desagradando, se fascina ainda mais. Por essa via, Miller utiliza-se de Baudelaire em sua descrição do dandismo como o último *flash* de heroísmo em decadência,

para marcar a resistência heroica do dândi diante do discurso moderno, como uma forma de sabedoria moderna para resistir ao mal-estar na civilização.

A partir da literatura francesa da época, Miller revela a presença de uma recusa do heroísmo, ou seja, sob a continuidade aparente do gênero trágico, observa-se uma verdadeira revolução dos costumes, uma revolução cultural. Miller constata que a desvirilização está aí desde o século XVI, antes de Napoleão.

Ao estabelecer uma sequência – o cavaleiro, o cortês e o dândi –, Miller inclui a figura do analista, assinalando que este tem algo a ver com o dândi, pois, em seu discurso, ocupa o lugar de causa. O analista seria o semblante que faz tremer os semblantes.

Referências

BAUDELAIRE, C. **O pintor da vida Moderna**. Brasil: Autêntica Editora, 1ª Edição, 2010.

KOJÈVE, A. (1984) **Le dernier monde nouveau Françoise Sagan**. Disponível em: www.association-freudienne.be/pdf/bulletins/7-BF1_BIBLIOTHEQUE.pdf?phpMyAdmin=0k39wA0M-rYtTueZFUi-nHQMk1.

LACAN, J. (1938) **Os complexos familiares**. Brasil: Zahar Editora, 1987.

LACAN, J. (1956). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MILLER, J.-A. "Buenos días, sabiduría". **Colofón**, 14 jul. 1996.

SAGAN, F. **Bom dia, tristeza**. Brasil: Livraria Cultura, 2007.

¹ Conferência de Jacques-Alain Miller publicada pela primeira vez sob o título de "Bonjour, sagesse", em **BARCA!**, revista de poesia, psicanálise e política, em maio de 1995, dedicada aos Enigmas do Masculino. Posteriormente, foi publicada na revista **Colofon**, em 14 de junho de 1996. Ainda inédita em português.

² Françoise Sagan (1934–2004), escritora francesa.

³ As batalhas de Jena (ou Iena) e Auerstedt ocorreram em 14 de outubro de 1806 pelo controle dessas cidades localizadas no interior da Prússia e, na época, sob o governo dos Hohenzollern, oponentes aos exércitos de Napoleão Bonaparte.

⁴ "O pequeno Hans se situa numa certa posição apassivada, e, qualquer que seja a legalidade heterossexual de seu objeto, não podemos considerar que ela esgote a legitimidade de sua posição. Ele alcança aí um tipo que não vai lhes parecer estranho em nossa época, o da geração de um certo estilo que conhecemos, o estilo do ano de 1945, daqueles encantadores rapazes que esperam que as iniciativas venham do outro lado – que esperam, para dizer tudo, que se lhes tirem as calças" (LACAN, 1956/1995, p. 196).

⁵ George Bryan "Beau" Brummell (1778–1840), figura icônica na Regência da Inglaterra e, por muitos anos, o árbitro da moda masculina. Era amigo íntimo do Príncipe Regente. Brummell é lembrado como exemplo preeminente do dândi e possui toda uma literatura fundada em seu estilo.